



PASTORAL DA TERRA

Comissão Pastoral da Terra

Julho a Setembro de 2015

Ano 40 – Nº 221



Foto: Joka Madruga

IV Congresso Nacional da CPT “A escuridão não nos calou”

págs.: 5 a 12 e 15 e 16



Foto: CIMI

Violência no campo não dá tregua
Amazônia concentra
assassinatos no campo

pág.: 4

EDITORIAL

Esperançosa rebeldia profética

De 12 a 17 de julho a CPT viveu com intensidade seu IV Congresso Nacional, lá nas terras de Rondônia, em plena Amazônia, celebrando seus 40 anos de existência. 40 anos de história, de caminhada, seguindo as pegadas do povo da terra. As quase mil pessoas que participaram integral ou parcialmente do Congresso se envolveram com alegria e vibração nos momentos celebrativos, carregados de uma profunda espiritualidade ou nas atividades de partilha de experiências de memória, rebeldia e esperança. O congresso propiciou o encontro de camponeses e camponesas de todo o Brasil que puderam sentir a riqueza da diversidade existente na nosso país. Amigas e amigos e parceiros solidários se somaram aos agentes da CPT que recarregaram suas energias neste grande encontro.

O Congresso deixou claro, como diz a Carta Final que hoje não basta conquistar terra e territórios, é preciso “construir novas pessoas e novas relações interpessoais, familiares, de gênero, geração, sociais, econômicas, políticas entre espiritualidades e religiões diferentes e com a própria natureza”.

O congresso também fez uma convocação a “igrejas, instituições e organizações para um processo urgente de MOBILIZAÇÃO REBELDE E UNITÁRIA pela vida, que inclua a defesa do planeta”.

“Se no passado a escuridão não nos calou, mas acendeu em nós a esperançosa rebeldia profética, hoje também ela nos impulsiona a continuar a luta ao lado dos povos e comunidades do campo, das águas e das florestas, em busca de uma terra sem males e do bem viver”, conclui a Carta.

Durante o Congresso foram destacados dois momentos que marcaram a história de Rondônia: os 30 anos do assassinato do Pe. Ezequiel Ramin e os 20 anos do Massacre de Corumbiara. Momentos estes que mereceram comemorações especiais dias depois nos locais dos acontecimentos

Nesta edição você poderá fazer da um giro pelo que foi o IV Congresso Nacional da CPT.

No retorno do Congresso voltamos ao cotidiano, marcado como sempre pela violência contra os homens e mulheres da terra. A CPT divulgou dados parciais sobre os assassinatos no campo de acordo com os registros do Centro de Documentação Dom Tomás Balduino, da Secretaria Nacional. Segundo estes registros, de janeiro a julho, 23 pessoas foram assassinadas em conflitos no campo, 22 delas na Amazônia. Números que ao fecharmos esta edição já chegavam a 28, 26 na Amazônia. Como se acentuou no Congresso da CPT, “as comunidades vivem hoje uma realidade mais complexa do que a do tempo da fundação da CPT, com uma carga de violência igual ou pior à de 40 anos atrás”.

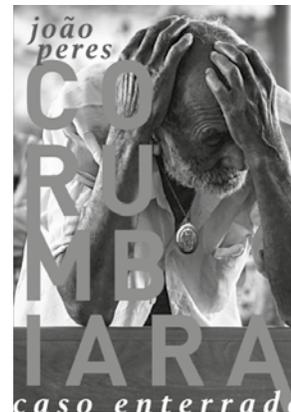
Julho foi marcado por outro fato histórico de suma relevância. Foi o segundo encontro do Papa Francisco com os movimentos populares. Desta vez na Bolívia. O seu discurso foi um grande apelo à mudança, profunda, estrutural.

O mesmo Papa havia convocado, em maio, o mundo todo a um compromisso sério em defesa de nossa casa comum, o planeta, com a sua carta encíclica Laudato Si. Esta é um marco na história da Igreja em defesa do meio ambiente e um sinal estupendo das mudanças que Francisco quer que toda Igreja assuma.

Boa leitura!



Corumbiara, caso enterrado



“Silêncio, chá de sumiço, amnésia seletiva e ameaças veladas no caminho de ‘Corumbiara, caso enterrado’, livro sobre um dos piores conflitos agrários do Brasil pós-ditadura”, destaca o autor do livro e jornalista João Peres. A reportagem fotográfica foi realizada por Gerardo Lazzari. O livro foi lançado em São Paulo, no dia 20 de julho, em meio aos eventos que lembraram 20 anos do Massacre de Corumbiara. “Correu muito sangue no dia 9 de agosto de 1995 em Corumbiara, Rondônia, no interior do interior do Brasil”, definiu o autor. A obra trata de um episódio emblemático no campo brasileiro, quando foram mortas várias pessoas que ocupavam a Fazenda Santa Elina. Cerca de 600 famílias faziam parte da ocupação. Ao conversar com pessoas que vivenciaram o massacre de perto, Peres traz, duas décadas depois, em seu livro, muitos detalhes e olhares sobre o conflito. “Uns anos depois, fui ver o meu depoimento e não tinha nada do que eu tinha falado”, contou Polaco, um dos feridos na época, ao jornalista. “Foi onde os filhos tavam [na fazenda] lutando pela terra e acabaram ficando sem a vida”, lamenta dona Lídia, que perdeu os filhos.

“O Rio São Francisco e as Águas no Sertão”

Foi lançada em Campinas, São Paulo, a edição especial do livro “O Rio São Francisco e as Águas no Sertão”, do fotógrafo militante João Zinclar. É a segunda edição do livro publicado em novembro de 2010.

O esgotamento da primeira edição permitiu uma nova roupagem, com embalagem especial em caixa de papelão personalizada. No dia do lançamento foi aprovado o estatuto orgânico do Instituto João Zinclar.

Ruben Siqueira, da CPT Bahia e da coordenação executiva nacional da CPT, colaborou com um texto para essa edição especial.

O livro registra a cultura do povo ribeirinho e sua luta em defesa do rio. É resultado de cinco anos de trabalho, entre 2005 e 2009, em que o fotógrafo percorreu as margens do Rio São Francisco em oito estados, e seguiu os dois eixos previstos na obra de transposição que corta o sertão nos estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará.

Como operário da fotografia, João Zinclar sempre esteve onde o povo lutava pelos seus direitos e conquistas.

Zinclar faleceu aos 56 anos, no dia 19 de janeiro de 2013, quando retornava de um trabalho em Ipatinga (MG) e o ônibus no qual viajava foi atingido por um caminhão que vinha no sentido contrário.

Seu olhar sensível e o compromisso de uma vida dedicada às causas sociais inspiraram diversos fotógrafos, jornalistas e comunicadores que fundaram o Instituto que leva o seu nome, com sede no MIS – Museu da Imagem e do Som de Campinas, onde está guardado todo seu acervo com mais de 180 mil fotos.



É uma publicação da Comissão Pastoral da Terra – ligada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).
Secretaria Nacional: Rua 19, nº 35, ed. Dom Abel, 1º andar, Centro, Goiânia, Goiás. CEP 74030-090.
Fone: 62 4008-6466. Fax: 62 4008-6405.
www.cptnacional.org.br comunicacao@cptnacional.org.br

Presidente
Dom Enemésio Lazzaris

Vice-presidente
Dom André Witt

Coordenadores Nacionais
Paulo César Moreira
Jeane Bellini
Thiago Valentim
Ruben Siqueira

Redação
Cristiane Passos
Antônio Canuto
Elvis Marques
Rede de comunicadores da CPT

Jornalista responsável
Cristiane Passos (Reg. Prof. 002005/GO)

Impressão
LSV Produção Gráfica Ltda.

Diagramação
Vivaldo Silva Souza

APOIO

Brot für die Welt

CANADIAN CATHOLIC ORGANIZATION FOR
Development and Peace



MISEREOR
IHR HILFSWERK

ASSINATURAS

Anual R\$ 10,00.

Pagamento pode ser feito através de depósito no Banco do Brasil, Comissão Pastoral da Terra, conta corrente 116.855-X, agência 1610-1.

Informações canuto@cptnacional.org.br



Madeirasas de Marabá são condenadas por trabalho escravo

Madeirasas de Marabá, no Pará, foram condenadas ao pagamento de verbas trabalhistas, danos morais e existenciais, a um funcionário que trabalhou em situação análoga à escravidão. A sentença foi proferida pelo juiz substituto da 4ª Vara do Trabalho de Marabá, Francisco José Monteiro Junior. As em-

presas condenadas foram a Madeireira Barroso; Jacaré Indústria, Comércio e Transporte; Madeireira Urubu; Décio José Barroso Nunes, o “Delsão”, e a Madeireira Paricá.

De acordo com o processo, o trabalhador exerceu a função de cozinheiro por 17 anos e foi resgatado durante

uma fiscalização móvel do Ministério do Trabalho, em 2013. O madeireiro Décio José Barroso Nunes, condenado agora por trabalho escravo, é o mesmo que responde a processo pelo assassinato do sindicalista José Dutra da Costa Neto, o “Dezinho”, crime ocorrido em Rondon do Pará, no ano de 2000.



Foto: ALEAM

Líder comunitária assassinada no Amazonas

Maria das Dores Salvador Priante, “Dona Dora”, trabalhadora do campo, líder comunitária e presidenta da Associação de Moradores da Comunidade Portelinha, no município de Iranduba, a 27 quilômetros de Manaus (AM), foi sequestrada dentro de sua casa no dia 12 de agosto. Seu corpo foi encontrado no dia seguinte com marcas de agressões e pelo menos 12 tiros em uma estrada vicinal do município. Ela já havia registrado ameaças que vinha sofrendo à Polícia Civil e à Assembleia Legislativa do Amazonas (ALE-AM).

Desde que assumiu a liderança da comunidade, denunciava a venda ilegal de terras no local. O homem apontado como mandante do crime é suspeito de venda de lotes e por isso foi preso, em julho. Era também investigado por outros crimes.

Quilombolas param BR-101, no Espírito Santo, para que seus irmãos sejam soltos

No dia 20 de agosto, mais de 500 quilombolas do norte do Espírito Santo pararam o trânsito na BR-101, na altura da entrada para Conceição da Barra. Exigiam que fossem soltos, imediatamente, quatro quilombolas presos a pedido da Aracruz Celulose (Fibria) sob a acusação de roubar galhos de eucaliptos, que usam para produzir carvão. Os presos são quilombolas, donos tradicionais das terras, grilladas pela empresa em plena ditadura militar.

Papa Francisco divulga Encíclica sobre o cuidado da Casa Comum

No dia 24 de maio, o Papa Francisco divulgou sua primeira Encíclica, *Laudato Si*, sobre o cuidado da casa comum. Um documento da maior importância nos dias atuais em que as agressões ao meio ambiente colocam em risco até a sobrevivência da espécie humana.

A encíclica, numa linguagem simples e direta, teve grande repercussão no mundo todo. Não faltaram, porém, os que dela discordaram dizendo não ser possível afirmar que as mudanças climáticas, que todos sentimos, sejam consequência da atividade humana.

O biblista da CPT, Sandro Gallazzi, sintetizou num belo texto as primeiras impressões que a mesma provocou nele. Destacamos alguns pontos:

- Foi gostoso e estimulante, valeu a pena saborear a encíclica “*Laudato si*”. É a primeira que não tem um cheirinho perfumado de novidade: Francisco de Roma começa sua carta com as palavras de outro Francisco, o de Assis. Liga, harmoniza, completa.
- Senti a fala sábia, profunda, corajosa do “presbítero”, um ancião latino-americano, não um mestre de academia. Senti o perfume, às

vezes acre, da CPT, o cheiro forte e selvagem do CIMI, o suave odor das CEBs. Nunca nomeados, mas, como nunca, tão presentes nestas palavras fortes e amigas.

- Admirei a coragem profética de entrar em tantos detalhes que são objeto de acirradas discussões mais ou menos científicas e de tomar, com destemor, uma posição clara, mesmo correndo o risco de ser desmentido, daqui a alguns anos, pelos “entendidos”.
- Senti o respiro amplo de uma colegialidade prática em caminho, (refere-se às citações de documentos de igrejas do mundo inteiro; de congressos internacionais, de cientistas).
- É um grande respiro religioso ecumênico que inclui e valoriza cosmovisões vindas de diferentes mundos: a espiritualidade dos povos originários, a mística oriental, a memória de Bartolomeu, patriarca da Igreja Ortodoxa, além da tradição bíblica.
- Mesmo que a ecologia seja o fio condutor, esta carta não pode ser reduzida a encíclica ecológica: na base está uma profunda visão da pessoa

humana: antes de tudo é a humanidade que precisa mudar (202). O capítulo 3º: A raiz humana da crise ecológica, é, creio eu, a chave de leitura da carta como um todo.

- Amplo, limpo e aberto é o olhar agudo, unitário, holístico, que vê uma só realidade com todas as suas dimensões presentes, interagindo e interpelando-se reciprocamente: a história, a economia, a política, a sociedade, a fé, a razão, a igreja e cada um e cada uma de nós. E tudo visto, lido, relido, interpretado a partir do único centro verdadeiramente importante e que nunca deve ser abandonado: o pobre e seus clamores por causa de seus opressores. Todos eles identificados, nomeados, denunciados, um por um.
- É o olhar do clínico que vê o corpo doente como um todo e não do especialista que só enxerga e pretende curar as partes atingidas.
- É a verdadeira ecologia de quem vê e fala da casa como um todo e não só do quintal, da natureza e, de maneira especial fala de seus habitantes.

Não vamos deixar cair esta palavra.

Aldeia Pataxó sofre ataques diários

Desde o último dia 11 de agosto, a aldeia Cahy, Terra Indígena Mexatibá, dos índios Pataxó, no extremo sul baiano, composta por 72 famílias, vem sofrendo ataques diários.

Na madrugada do dia 11, homens armados invadiram a aldeia e atearam fogo na maloca de artesanatos e objetos de uso tradicional e religioso. Nos dias seguintes, de forma ininterrupta, homens em motos passaram a percorrer o trajeto atirando contra as moradias. Nem mesmo a escola indígena foi poupada dos ataques. Crianças dormem em caixas d'água para se protegerem, outros se escondem nas matas.



Foto: CIMI

CONFLITOS

Amazônia concentra os assassinatos no campo em 2015

O Centro de Documentação Dom Tomás Balduino, da Secretaria Nacional da CPT, entre janeiro e julho de 2015, registrou 23 assassinatos em conflitos no campo no País, 22 deles em estados da Amazônia. Os dados são parciais.

CRISTIANE PASSOS*

Acampados, assentados, sem terra, protagonistas da luta por reforma agrária em geral, voltam a ser os principais alvos dos assassinatos em conflitos no campo no Brasil. Ao todo 23 assassinatos: Pará (11), Rondônia (10), Maranhão (1) e Bahia (1), entre janeiro e julho desse ano. 15 foram no contexto da luta por reforma agrária, 3 em consequência de projetos de mineração, 2 em consequência de projetos de barragens, 2 em conflitos com indígenas e 1 por uso de mão de obra escrava.

Pará e Rondônia foi onde mais se matou no campo. A falta de regularização dos territórios e a falta de uma plena reforma agrária são fatores que impulsionam e acirram os conflitos. Pistoleiros a serviço de invasores de lotes de assentamentos e madeireiros constituem uma realidade com a qual o povo tem convivido. A morosidade do Incra e a falta de ação dos órgãos competentes



Foto: Joka Madruga

são responsáveis pelas mortes, agressões e ameaças. Para Ruben Siqueira, da coordenação nacional da CPT, “isso é reflexo de que o povo, mais uma vez, está pagando o preço da crise, com ainda menor desempenho do Estado, menos gastos do governo com a reforma agrária, entre outras demandas urgen-

tes do povo pobre do campo, que não desiste, como gostariam autoridades e empresários”.

Em janeiro, Elizeu Bergançola, geógrafo, sofreu um atentado a tiros, em Machadinho do Oeste, Rondônia e sobreviveu. Continua ameaçado por denunciar, junto com os seringueiros,

a extração clandestina de madeira nos seringais. Já Altamiro Lopes Ferreira não teve a mesma sorte. Foi encontrado morto no dia 13 de março, após quase 10 dias desaparecido. Ele fazia parte dos sem-terra despejados em fevereiro, do Acampamento Nova Esperança, em Costa Marques, também em Rondônia. A área é pública e está sob análise do Programa Terra Legal para suspensão de títulos provisórios, mas segundo as famílias a área está sendo usada para extração ilegal de madeira. Antes de desaparecer, Altamiro relatou a agentes da CPT ter recebido ameaças de morte.

José Osvaldo de Sousa, assassinado em 14 de junho, aguardava há 13 anos, junto com 120 famílias sem terra, a regularização da área em que viviam, em disputa com um suposto proprietário, que nunca apresentou o documento da terra. Foi morto após dois dias de terror, quando 25 pistoleiros atacaram as famílias na área, em Tucuruí, Pará.

Pequeno contra pequeno

Na investida para expulsar o povo do campo, o capital coloca pequeno contra pequeno. Sem perspectivas, alguns grupos, inviabilizados tanto no campo quanto na cidade, acabam invadindo áreas de assentamentos ou reservas extrativistas, gerando tensões que, muitas vezes, acabam em mortes, como registramos na edição 219 do Pastoral da Terra. Um casal, três filhos e um sobrinho foram mortos a tiros e golpes de facão em Conceição do Araguaia. O crime foi motivado por disputa por lote de terra entre ocupantes.

Para Afonso das Chagas, professor de Direito da Universidade Federal de Rondônia (UNIR) e colaborador da CPT, programas, como o Terra Legal, criados pelo governo com a promessa de resolver o problema da terra da Amazônia e da histórica grilagem, têm na verdade servido a outros fins. Segundo ele, o Terra Legal “tem servido muito mais

à ‘legalização’ de grandes áreas de terras públicas irregularmente ocupadas (grilagem), do que promover uma justa distribuição fundiária na região”. E isso se reflete diretamente no aumento da violência. “Em Rondônia, pela análise preliminar dos dados da violência, compreende-se claramente, que ela é bem localizada na região onde a questão das terras públicas não foi resolvida (região de Ariquemes, Machadinho d’Oeste e Burity). Sob as lacunas e equívocos de um Programa feito para ‘não funcionar’, a grilagem mantém-se como estratégia do latifúndio. E este latifúndio tem na violência sua alma-gêmea. A justiça estadual e federal, de forma generalizada, não compreendem nem a questão agrária como uma questão social, nem a histórica questão dos bens públicos, no caso a terra pública, sua retomada e destinação, como uma questão a ser discutida e resolvida”, diz ele.

Lideranças indígenas na mira

No caso dos conflitos envolvendo indígenas, as lideranças permanecem na mira dos pistoleiros. Duas mortes foram registradas em 2015.

Eusébio Ka’apor foi morto a tiros por dois pistoleiros, em 26 de abril, quando voltava para casa, a Aldeia Xiborendá, Terra Indígena Alto Turiaçu, em Centro do Guilherme, no Maranhão. De acordo com indígenas, os responsáveis seriam madeireiros

revoltados com as ações de autofiscalização e vigilância territorial feitas pelos Ka’apor, desde 2013. Eusébio estaria na “lista de execução” dos madeireiros.

Adenilson da Silva Nascimento, o pinduca, liderança tupinambá, foi morto, no dia 1º de maio, na região de Serra das Trempe, em Ilhéus (BA). Essa área é disputada há anos por indígenas e fazendeiros.

Ao lado dos assassinatos perduram as ameaças que atingem inclusive agentes da CPT

Cosme Capistano da Silva, agente da CPT de Boca do Acre (AM), recebeu ameaças diretas. Em 8 de julho deste ano, na sede do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Boca do Acre, onde estava, um senhor lhe disse estar ali para conhecê-lo e que daquele dia em diante ele e seus homens iriam agir à sua maneira. Em 22 de julho, outro senhor foi ao mesmo local e disse em voz alta que Cosme tinha que

morrer e que já deveria estar morto.

Como diz Afonso das Chagas, enquanto “o grileiro é tratado como proprietário, o especulador imobiliário como legítimo destinatário de terras públicas e os movimentos sociais como vilões”, o que se pode esperar é a manutenção e até o aumento dos índices de violência no campo.

IV CONGRESSO

Um giro pelo IV Congresso Nacional da CPT

Ao completar 40 anos, a CPT realizou seu Congresso em terras amazônicas, onde foi gerada. E lá ouviu as memórias, rebeldias e esperanças dos povos da terra

EQUIPE DE COMUNICAÇÃO JOÃO ZINCLAR - IV CONGRESSO NACIONAL DA CPT*

Camponeses e camponesas, indígenas, agentes pastorais, militantes de movimentos sociais, religiosos. Cerca de mil pessoas de Norte a Sul do Brasil participaram do IV Congresso Nacional da Comissão Pastoral da Terra (CPT). Aconteceu no campus da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), em Porto Velho, entre os dias 13 e 17 de julho. Inspirado no poema de Thiago de Mello, o tema escolhido para o Congresso foi “Faz escuro, mas eu canto! Memória, Rebeldia e Esperança dos Pobres da Terra”.



Uma semana antes do Congresso começar, Rondônia já acolhia pessoas vindas de todos os cantos deste imenso Brasil, que chegavam e já “botavam a mão na massa”. Cada delegação que desembarcava em Porto Velho, se somava às equipes de trabalho: Infraestrutura, espiritualidade, animação, comunicação, finanças, secretaria, metodologia, transporte, além da coordenação geral. Junto com os colaboradores e colaboradoras de Rondônia, cozinhas, casa de farinha, tendas e outros espaços foram construídos e ornamentados. Doativos foram recolhidos e compras feitas. Essas equipes conseguiram colchões para acomodar boa parte dos congressistas. Enfim, esse belo Congresso se deve ao trabalho de quem se dedicou a organizar o espaço para acolher os congressistas.

UNIR de portas abertas

A Universidade Federal de Rondônia (UNIR) abriu de par em par as portas para acolher os congressistas. Em salas de seis prédios foram alojados os participantes, divididos por grande região. Outro prédio foi utilizado para a Secretaria, Comunicação, e Coordenação. Nele, se alojaram parte dos envolvidos nas equipes de serviço.

Acolhida

As delegações foram chegando muitas de ônibus, vans, outras de avião. Uma equipe recebia os que chegavam ao aeroporto e os encaminhava a UNIR. Muitos dos que vieram de ônibus tiveram que enfrentar dias de viagem. O ve-

Foto: Douglas Mansur

ículo do Maranhão, por exemplo, encontrou no caminho, ainda no estado, uma estrada bloqueada por um protesto de madeireiros. Foram obrigados a dar uma volta de mais de 400 quilômetros.

Diversos pontos de acolhida, tanto em Rondônia como em outros estados, foram montados para apoiar as delegações em viagem. Esse apoio ajudou a amenizar os contratempos da estrada. Uma das paradas foi no município de Vilhena, a 700 quilômetros de Porto Velho, por onde passaram as caravanas do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Bahia. Goiás foi recebido com um lance solidário em Ji-Paraná.

Ao chegarem no Campus da UNIR, as delegações passavam na tenda de credenciamento e logo eram encaminhadas para os alojamentos.

Abertura

Uma bela celebração deu início ao IV Congresso. Uma poronga gigante, lembrando o instrumento usado pelos seringueiros e um dos símbolos deste Congresso, iluminou a abertura do evento. Com cartazes e velas, 40 pessoas caminharam à frente do palco represen-

tando cada uma um ano da existência da CPT.

Ao final da celebração, Dom Enemésio Lazzaris, presidente da CPT e bispo da diocese de Balsas (MA), abriu o Congresso dando as boas vindas a todas e todos. Também falaram naquele momento Dom Moacyr Grechi, bispo emérito de Porto Velho, fundador da CPT e seu primeiro presidente, Dom Antônio Possamai, bispo emérito de Ji-Paraná, e Dom Benedito Araújo, bispo de Guajará Mirim e administrador apostólico da arquidiocese de Porto Velho. Também falaram um representante da UNIR, um representante da Via Campesina, pastora da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil e o Bispo Dom Nicolau, da Igreja Ortodoxa Grega.

Cada manhã se iniciava com um momento celebrativo a cargo de uma grande região. E outras duas grandes celebrações marcaram o Congresso, a dos Mártires, no penúltimo dia, e a de encerramento.

Tendas e plenárias

As atividades do Congresso foram realizadas em sete tendas que receberam os nomes de rios de Rondônia – Madeira, Guaporé, Pacaás Novos, Machado, São Miguel, Branco e Mamoré –, e em grandes plenárias. Os trabalhos nessas Tendas aconteciam na parte da tarde. O resultado das discussões nas Tendas era apresentado na manhã do dia seguinte à grande Plenária, na quadra de esportes da universidade.

Noite Cultural

Duas noites foram reservadas para apresentações culturais. Na noite do dia 13, grupos locais de Rondônia animaram a noite com suas músicas. Mas a grande noite cultural foi a quarta-feira, dia 15. Cada grande região teve espaço para apresentar o que trouxe para partilhar com todos. E um animado forró entrou noite adentro.

A criatividade e a cultura estive-



Foto: Joka Madruga

ram presentes em todos os momentos. As apresentações dos trabalhos das tendas eram feitas com diversas expressões artísticas, como teatro, poesias e músicas.

Cozinhas

O congresso só funcionou porque uma eficiente e bem montada equipe de cozinha garantiu alimentação farta e saborosa todos os dias do Congresso. Um competente grupo de cozinheiras e cozinheiros se desdobrou para que a alimentação estivesse pronta na hora certa.

Uma novidade deste IV Congresso foi a Casa de Farinha. Foi montada uma simples oficina onde se produziu aos olhos de todos uma muito bem cuidada farinha de mandioca. Em outro dia todos puderam ver como se produz o açúcar mascavo. Uma terceira atividade desenvolvida neste espaço foi a extração da polpa de açaí. Uma amostra clara e prática de como, de modo simples, o camponês pode sobreviver tranquilamente e alimentar a muitos.

João Zinclar, nome da equipe de comunicação

João Zinclar, fotógrafo e militante das causas populares, que em 2010 registrou as imagens do III Congresso, em Montes Claros (MG), e que nos deixou em 2013, num trágico acidente, foi o nome escolhido para a equipe de comunicação do IV Congresso. Uma forma afetuosa de lembrar-se de quem sempre colocou sua sensibilidade de fotógrafo a serviço da construção de outro mundo possível. Um pequeno vídeo em sua homenagem foi exibido durante o Congresso.

IV CONGRESSO - TENDAS E PLENÁRIAS

“A transformação se

O IV Congresso da CPT girou em torno a três grandes eixos – memória, rebeldia, esperança.

As atividades em torno a estes eixos aconteciam na parte da tarde em tendas.

O resultado deste trabalho era apresentado, na manhã do dia seguinte à plenária.



Foto: Joka Madruga

Apresentação à plenária

Na parte da tarde, em sete tendas que receberam os nomes de rios de Rondônia – Madeira, Guaporé, Pacaás Novos, Machado, São Miguel, Branco e Mamoré –, eram apresentadas e debatidas experiências em torno a cada um dos eixos, Esperança, Memória e Rebeldia.

Experiências que resgataram fatos importantes da história das comunidades em que a CPT esteve envolvida. Experiências que mostravam a indignação e a rebeldia diante de situações claramente injustas. Experiências que apontaram para tempos novos, por isso carregadas de esperança. Ao todo 63 experiências apresentadas. 21 em cada eixo.

A partilha das experiências nas tendas foram extremamente ricas e muitas delas comoventes, A maior parte foram narradas por pessoas envolvidas nos fatos apresentados.

Cada tenda tinha um coordenador, relatores ou relatoras e provocadores, nome que o Congresso atribuiu aos assessores e assessoras, que tinham a função de reagir às apresentações, comentá-las, ressaltar alguns elementos mais significativos e provocar para a continuidade do debate que se dava na forma de fila do povo. Foi

um grande exercício de escuta e de interação. Os assessores, não tinham um discurso pronto, uma palestra a ser dada, mas a eles cabia dar eco ao que os camponeses apresentaram e de acordo com o conhecimento científico acumulado, analisar o que as experiências vividas mostravam. Como disse a professora Guiomar Germani, da UFBA, os assessores mais que provocadores, eles é que se sentiram provocados pela riqueza de conteúdos e de reflexões apresentados. Ao final dos trabalhos das tendas se decidia a forma como estas experiências iriam ser apresentadas à plenária na manhã do dia seguinte.

Plenária

Para a plenária cada tenda trazia a síntese do que trabalhou. Esta síntese foi apresentada de forma muito criativa, com a utilização de diferentes formas de expressão popular: teatro, músicas, poesias, parábolas, metáforas, programas de rádio, etc.

Feitas as apresentações dois provocadores, escolhidos entre os assessores e assessoras, comentavam e analisavam o que as tendas tinham apresentado.

Memória

Entre as experiências de memória em discussão nas tendas, a publicação anual do Conflitos no Campo Brasil, que esse ano completa 30 anos de registro, mereceu atenção. Luis Novoa, professor da Unir, provocador da tenda ressaltou a importância da compilação dos dados dos conflitos. “Essa contabilidade dos nossos mortos, por difícil que seja, é fundamental para que não se matem outras pessoas”, disse ele.

As quebraadeiras do coco babaçu do

Maranhão mostraram como com sua luta conseguiram que no município de Governador Archer, fosse aprovada, em 2012, a Lei do Babaçu Livre. Por esta lei fica garantido o livre acesso às palmeiras, mesmo que estejam em terras privadas.

Na Plenária, uma apresentação teatral emocionou os congressistas. A peça fazia memória do martírio de Sebastião Rosa da Paz, o Tião da Paz, camponês e sindicalista da região de Uruaçu, Goiás, assassinado a mando do latifúndio por conta de seu comprometimento com a luta pela terra.

“A memória faz os olhos brilhar”

“O que foi apresentado foi um momento de reverência à história, ao nosso passado. A memória quando é exposta faz os olhos brilhar.

É necessário distinguir entre memória e esquecimento, ou melhor, a imposição do esquecimento. A memória coletiva produz diálogos, emancipa, desaprisiona. É um exercício que mobiliza, desperta, acorda. É muito mais que um arquivo, mais que uma fotografia. Ela é viva, traz consigo a função, o papel de nos mobilizar.

Sempre que unimos o passado com o presente historicizamos a memória. Nas mortes do passado reconhecemos as mortes do presente, nos colonialismos do passado, os colonialismos do presente. Fazer memória coletiva não é só recordar, é romper com a realidade de violência e de opressão em que se vive.

Foi dito que é preciso radicalizar. Radicalizar é colocar raízes que alimentam, que sustentam”.

Afonso das Chagas, professor da UNIR e integrante da CPT RO

“A memória esta inscrita na missão da CPT”

Esta manhã foi marcada pela forte emoção que tomou conta de todos. Foi a história de Jesus crucificado e reencarnado contada pelas diversas comunidades camponesas, através de diferentes expressões populares, do nosso jeito de ser CPT.

A memória esta inscrita na missão da CPT. “Somos convocados pela memória subversiva do evangelho” que nos convoca e nos junta aqui. E quanto de Evangelho esteve presente no que foi apresentado através de diversas formas de expressão! As poesias, as músicas, os gestos são o nosso jeito de rezar, de ligar a história com o que somos. O evangelho está vivo no jeito que a gente conta a história. Este é um patrimônio do qual não se pode abrir mão.

Ao mesmo tempo em que a gente faz a memória de quem tombou, o Sebastião Rosa da Paz por exemplo, a gente tem que ser capaz de fazer a memória da esposa, da Isaura. Não só de quem vai pra luta, mas de quem cria as condições objetivas de nossas lutas. O trabalho doméstico é parte da memória também: memória subversiva do cotidiano.

Nancy Cardoso, pastora metodista, da CPT Bahia

faz com duas mãos”

Rebeldia

Em defesa dos territórios tradicionais, Antenor, do povo indígena Karitiana, de Rondônia, compartilhou suas experiências de resistência. “É só na radicalidade coletiva que se conquistam os direitos”, destacou ele

“É preciso ampliar as mobilizações camponesas, pois só elas é que fortalecem as comunidades. E o papel da CPT é de fundamental importância”, disse Fernanda Miradouro, da zona da Mata Mineira, filha de agricultor impactado por mineroduto que passa pelos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo.



Foto: Joka Madruga

Atividade numa das tendas

Na plenária, foram encenadas situações de enfrentamento por que passam os camponeses cotidianamente em seus territórios. Bandeiras, foices e enxadas, tambores, música, dança – foram os instrumentos e símbolos de rebeldia das populações do campo.

Esperança

Em uma espontânea e harmoniosa sintonia, os conteúdos dos grupos das sete tendas que debateram o eixo Esperança se complementaram nas apresentações à plenária.

Com muita força, destacou-se como principais sinais de esperança a valorização da força das mulheres, a capacidade dos jovens e crianças, o reconhecimento dos saberes milenares, a certeza de que agroecologia e sementes crioulas são ferramentas para a resistência das comunidades, entre outros elementos.

O Credo das Sementes foi rezado pelos integrantes da Tenda Rio Madeira: “Creio na semente criada por Deus e guardada por camponeses em todo o mundo [...] creio na semente plantada na terra livre de transgênicos e agrotóxicos [...] creio nas crianças que são sementes humanas de um futuro melhor”.

Emocionou e surpreendeu a apresentação de três crianças, do grupo “Amiguinhos do Cerrado”, do Mato Grosso do Sul. Um dos pequenos, vestido de onça pintada, saindo do meio dos congressis-



Foto: Joka Madruga

Apresentação teatral à plenária

tas, subiu ao palco, urrou, e demonstrou toda energia digna do felino. Outras duas crianças leram uma cartinha escrita por elas mesmas clamando pela preservação do Cerrado:

“Somos os Amiguinhos do Cerrado. Somos frutos desta terra tão querida. O Cerrado grita por socorro! Até quando o Cerrado vai aguentar tanta destruição? Se não cuidarmos agora, no futuro tudo será um grande deserto.

Cadê a onça pintada? O lobo guará? A arara azul? Quase não vejo mais tamanduá. E a ema, as seriemas? Será que eles só vão aparecer nas fotos antigas? Ajudem a nós, os Amiguinhos do Cerrado, a defender e preservar nosso Cerrado!”

“A esperança é a persistência da rebeldia”

O que nos foi apresentado nos diz que mesmo em condições adversas, no escuro, podemos construir nosso destino. O que significa esperança para homens e mulheres? No cuidado da terra, no plantio e na colheita da semente, no cuidado de homens e mulheres, aí está esperança. A esperança é a persistência da rebeldia.

A agroecologia, as sementes crioulas indicam que outras relações sociais entre campo e cidade são necessárias.

A principal semente crioula são as comunidades, que estão sendo destruídas por lideranças transgênicas.

Guiomar Germani, professora da Universidade Federal da Bahia, UFBA.

“A CPT é eterna aprendiz”

O que vimos nas apresentações são ações para conquistar direitos. Tem-se clareza de como se comporta o Estado, como se comportam os que seriam aliados, mas que enganam os trabalhadores.

A CPT não é melhor ou pior do que qualquer outro movimento. Ela tem uma particularidade. A CPT pratica e acredita na transformação que se faz com duas mãos: uma que derruba cercas, faz ocupações de terra e outra que dá sentido e significado: A Reforma Agrária é o trabalhador quem faz, mas também é Javé quem faz.

Para tocar nossas ações, enfrentar os que plantam a droga, as divisões nos

movimentos sociais são necessárias ações concretas, tratando os que fazem suas lutas como sujeitos, como pessoas. E para isso temos que estar dispostos a escutar suas lutas, suas histórias, o trabalhador que diz que a semente é dom de Deus...

Nossa luta não é só política, é a de recuperar tradições e saberes populares. Uma rezadeira, uma benzedeira tem que ser valorizadas e valorizados seus saberes.

Ou a CPT faz isto ou a luta não será feita. A CPT é eterna aprendiz....

Jadir Pessoa, professor da Universidade Federal de Goiás, UFG

“Cantar no escuro não é novidade, é uma tradição”

Os relatos mostram que a violência continua em nível muito elevado. É um bicho de muitas cabeças. O Estado é cúmplice da morte. O Judiciário atua como um jagunço.

A rebeldia é necessária ...Ela se apresenta não só nos discursos, mas na prática concreta

A rebeldia se consolida e se torna eficaz se houver unidade entre os movimentos. A unidade pode derrubar barreiras, sem unidade não há vitória.

A rebeldia se constrói com a valorização do modo de vida dos povos, de suas culturas, com a afirmação da auto-estima. As lutas não são só lutas locais, são nacionais e internacionais. Os inimigos estão em muitos lugares.

Cantar no escuro não é novidade, é uma tradição, um legado que tem muito a dizer para nossas lutas.

Marcos, assessor do Conselho Pastoral dos Pescadores CPP

“É justo rebelar-se, é legítimo e urgente”

Justiça é o outro lado da rebeldia. É justo rebelar-se, é legítimo e urgente. Precisamos valorizar nossas rebeldias, nossas resistências, lembrar as lutas.

A rebeldia é igual a algumas sementes do cerrado, que para nascer é preciso quebrar sua dormência, passando pelo fogo, pela quentura, pela barriga do animal. A rebeldia surge quando a dormência é quebrada pela consciência.

Rebeldia gera vida que lateja subterrânea. Nem sempre é um proces-

so racional. Muitas vezes é um processo festivo de construção de símbolos.

A rebeldia provoca o deslocamento da crença nas vias institucionais, para a constituição de alternativas como ‘os ventos da meia noite’, a retomada dos territórios pelos povos indígenas e quilombolas. As leis não bastam. Meu nome é tumulto e se inscreve na terra.

Mesmo na contradição, a gente canta.

Tatiana, assessora jurídica da CPT Bahia

IV CONGRESSO - CARTA FINAL

Faz escuro, m

Na manhã do dia 17 de julho foi realizada a plenária final do IV Congresso Nacional da Comissão Pastoral da Terra (CPT). Na ocasião, os/as participantes aprovaram a Carta Final do Congresso, que celebra os 40 anos da Pastoral.

Nós, 820 camponesas e camponeses, indígenas e agentes da CPT, bispos católicos e da Igreja Ortodoxa Grega, pastores e pastoras, rezadores e rezadeiras, vindos de todos os recantos do Brasil, convocados pela memória subversiva do Evangelho e pelo testemunho dos nossos mártires, pela presença dos Orixás, dos Encantados e Encantadas, nos reunimos para o IV Congresso da Comissão Pastoral da Terra, em Porto Velho-RO, de 12 a 17 de julho de 2015. Foram dias de um intenso processo de escuta, debate e busca de consensos e desafios em sete tendas, que receberam nomes de sete rios de Rondônia. Ao final destes dias, queremos fazer chegar esta mensagem a vocês, povos do campo e da cidade, como um apelo e um chamado.

**“Obedecer ao chamado.
Cumprir o dever”.**
(Cacique Babau - povo Tupinambá)

Faz escuro, mas eu canto! Ha 40 anos, a CPT, num tempo de escuridão, em plena ditadura militar, foi criada atendendo ao apelo de povos e comunidades do campo, de modo particular da Amazônia, envolvidas em conflitos e submetidas a diversas formas de violência. Hoje, voltando de onde nascemos e fazendo memória destes 40 anos, vemos que foram anos de rebeldia e fidelidade ao Deus dos pobres, à terra de Deus e aos pobres da terra, condição da nossa esperança. Vemos também que as comunidades vivem uma realida-

de mais complexa do que a do tempo da fundação da CPT, pois camuflada por discursos os mais variados de desenvolvimento e progresso, que, porém, trazem consigo uma carga de violência igual ou pior à de 40 anos atrás. Hoje, tem-se consciência de que pelo avanço voraz do capitalismo é o destino da própria humanidade e da própria vida que está em jogo. O mercado nacional e transnacional encontra suporte nas estruturas do Estado que se rendeu e vendeu aos interesses das elites e do capital.

Com a autoridade e humildade de quem vive as dores e alegrias da vida do povo, neste Congresso compartilhamos experiências que trouxeram a Memória de fatos e pessoas muito significativas na história das comunidades do campo e da própria CPT; experiências de Rebeldia que nos mostram a indignação diante das injustiças e da

Foto: Douglas Mansur



Foto: Joka Madruga

violência e experiências de Esperança, que apontam para caminhos que levem a uma realidade mais justa.

Quanta história temos para contar! De gente e de lugares, de derrotas e vitórias. ... E nossos mortos - homens e mulheres. Fazemos memória para unir passado e presente. Não para repetir! Mas para radicalizar, voltar às raízes do amor pela terra e pelos povos da terra.

Na nossa luta a CPT interagia de corpo e alma com a gente desde o começo, na ocupação e no despejo. Valdete Siqueira dos Santos, Assentamento Transval, Jequitinhonha, MG.

Rememorar lutas e resistências alimenta nossa indignação e rebeldia. É justo rebelar-se, é legítimo e urgente. Porque a violência e a destruição não são parte do passado, mas são vividas em todos os cantos do país, com muitas caras e a mesma cumplicidade das autoridades que deveriam zelar pelo bem do povo. Estas enrolam, cansam e esgotam as comunidades. A rebeldia vai brotando aos poucos, nasce da realidade de opressão que interpela a consciência. É igual às sementes das plantas do Cerrado, que precisam passar pelo fogo ou pelo estômago dos animais

para quebrar sua dormência e assim germinar. Nem sempre é um processo racional. Muitas vezes é um processo festivo de construção de símbolos. Continua a convicção que nosso projeto de vida vai ser “na lei ou na marra”.

Se com a memória alimentamos nossa rebeldia... com o que damos vida à nossa esperança?

A esperança é a persistência da rebeldia!

Trabalhador numa das tendas



as cantamos!

Essa esperança vai nas nossas mãos. Em uma, a luta e a organização - diária e rebelde - na outra, a fé e a paixão - diária e rebelde. De um lado resistimos ao sistema de morte com luta. Do outro descobrimos que conquistar terra e território e permanecer neles não é suficiente. O desafio é construir novas pessoas e novas relações interpessoais, familiares, de gênero, geração, sociais, econômicas, políticas entre espiritualidades e religiões diferentes e com a própria natureza.

Com as mãos cheias de esperança convocamos os povos originários e o campesinato em suas mais diversas expressões: quilombolas, pescadores e pescadoras artesanais, ribeirinhos, retireiros, geraizeiros, vazanteiros, camponeses de fecho e fundo de pasto, extrativistas, seringueiros, castanheiros, barranqueiros, faxinalenses, pantaneiros, quebradeiras de coco-de-babaçu, assentados, acampados, peões e assalariados, sem-terra, junto com favelados e sem teto, para fortalecer estratégias de aliança e de mobilizações unitárias.

Convocamos também igrejas, instituições e organizações para reassumirmos um processo urgente de **MOBILIZAÇÃO REBELDE E UNI-**

Foto: Joka Madruga



Foto: Joka Madruga

TÁRIA pela vida, que incluía a defesa do planeta TERRA, nossa casa comum, suas águas e sua biodiversidade.

Com o Papa Francisco reafirmamos que queremos uma mudança nas nossas vidas, nos nossos bairros, na nossa realidade mais próxima, uma mudança estrutural que toque também o mundo inteiro.

Se no passado a escuridão não nos calou, mas acendeu em nós a esperançosa rebeldia profética, hoje também ela nos impulsiona a continuar a luta ao lado dos povos e comunidades do campo, das águas e das florestas, em busca de uma terra sem males e do bem viver.

Por isso assumimos como perspectivas de ação para os próximos anos:

- Uma reforma agrária que reconheça os territórios dos povos indígenas e das comunidades tradicionais e uma justa repartição da terra concentrada;

- A formação dos camponeses, camponesas e dos agentes da CPT, com destaque para as comunidades tradicionais, a juventude, as relações de gênero, a agroecologia;

- O envolvimento em todos os processos de luta pela educação no e do campo;

- O serviço à organização, articulação e mobilização dos povos in-

dígenas, das comunidades quilombolas, pescadores artesanais e mulheres camponesas;

- A intensificação do trabalho de base;

- A sustentabilidade pastoral, política e econômica da CPT.

O profundo desejo do próprio Jesus e do seu movimento é também o nosso: “Eu vim trazer fogo sobre a terra, e como gostaria que já estivesse em chamas” (Lc 12,49).

Porto Velho, Rondônia, 17 de julho de 2015.

Os e as participantes do IV Congresso Nacional da CPT

Foto: Joka Madruga



Foto: Joka Madruga



IV CONGRESSO - AS COZINHAS

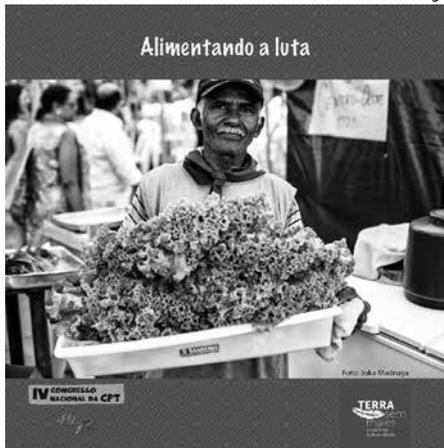
Alimentando o IV Congresso da CPT

“É necessário reconhecer o trabalho voluntário de dezenas de mulheres e homens que viajaram milhares de quilômetros para garantir as refeições diárias de inúmeras pessoas que participam do nosso Congresso”, afirmou Joka Madruga, que fez uma homenagem a essas pessoas.

EQUIPE DE COMUNICAÇÃO
JOÃO ZINCLAR – IV CONGRESSO
NACIONAL DA CPT

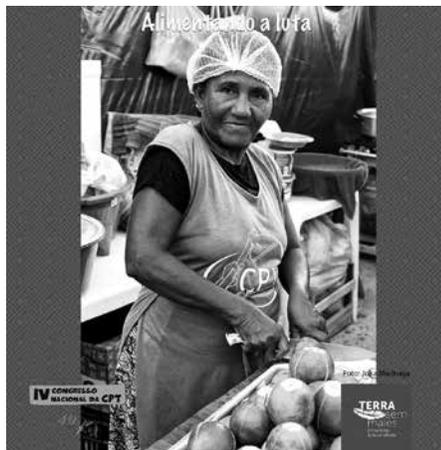
Um pouco dos sabores deste nosso imenso Brasil foi levado ao IV Congresso Nacional da CPT. Divididas por Grandes Regiões, cozinheiras/os e ajudantes contribuíram na alimentação das centenas de pessoas que participaram do evento. No Campus da UNIR, em meio à Floresta Amazônica, tendas foram montadas para abrigar os/as colaboradores das cozinhas, alimentos, e também para acolher as pessoas nos momentos das refeições. Espaço onde eram saboreadas comidas típicas no embalo dos encontros e reencontros das pessoas que participavam do evento.

Foto: Joka Madruga



Foram seis cozinhas instaladas e divididas em Grandes Regiões: Centro-Oeste, Norte, Nordeste, Noroeste, Sul e Sudeste. Ao longo desses dias, foram partilhadas comidas regionais e receitas caseiras das comunidades, o que revela, mais uma vez, a diversidade de sabores presentes entre os povos do campo. Na cozinha da região Norte, por exemplo, teve caldeirada de peixe, arroz com camarão e arroz com carne de sol.

Foto: Joka Madruga



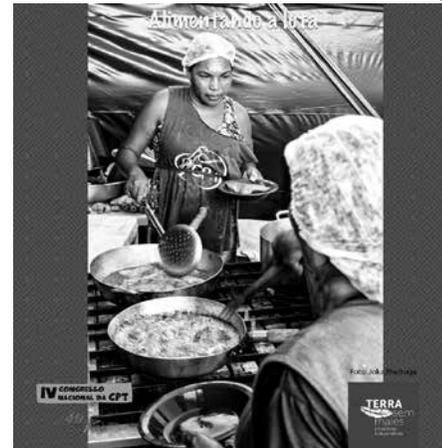
Já o pessoal do Nordeste preparou o delicioso baião de dois e churrasco de bode. Centro-Oeste fez galinhada. Bom essas foram apenas algumas comidas preparadas para alimentar os congressistas ao longo desses dias.

Era café da manhã, almoço, lanche e jantar. Para alimentar centenas de pessoas, as cozinheiras e ajudantes voluntários trabalharam muito. Acordavam cedo e só paravam após o jantar. Na cozinha do Norte, por exemplo, a equipe planejou uma rotina de trabalho. Uma turma começava a contribuir nas cozinhas às 05 horas da manhã e os demais às 06 horas. À noite, voluntários eram chamados para ajudar a lavar as vasilhas. Por todo esse esforço para alimentar os/as congressistas, cozinheiras foram homenageadas ao fim do Congresso e também com uma exposição fotográfica de Joka Madruga.

Dona Ester foi uma das pessoas que contribuiu na equipe de alimentação durante os dias de Congresso. “Sou acostumada a cozinhar para muita gente. Já participei de grandes manifestações e caminhadas. E sempre cozinhei”, afirmou, sorrindo. Enquanto cortava abóbora para o almoço do penúltimo dia de

evento, ela contou que, hoje, é assentada no município de Tucuruí, no Pará. Mas bem antes, era atingida por barragem. Não recebeu nenhuma indenização, assim como muitos e muitas. “Entrei para o MST e consegui minha terrinha”, conta. No lugar onde mora com os filhos e netos, dona Ester planta cacau, laranja, arroz, mandioca, melão, e mais uma infinidade de alimentos. Trabalhar ao lado de Ester é alegria na certa. “Gosto de estar na cozinha rindo, contando piada”, diz.

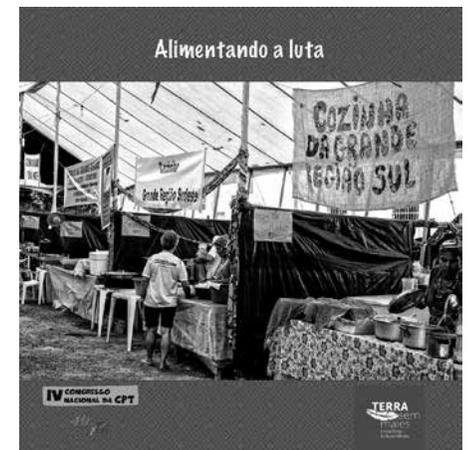
Foto: Joka Madruga



Alimentos

Para alimentar os/as participantes ao longo do Congresso, paróquias e trabalhadores/as rurais de Rondônia doaram alimentos: mais de 100 quilos de café, 250 quilos de melancia, 400 quilos de arroz, entre outros. Além disso, entre produtos que foram comprados, estão 20 porcos e 220 quilos de peixe – comprados de uma associação de pescadores da região. Segundo a equipe de compras do Congresso, cerca de 30% dos alimentos utilizados no evento foram doados. Além disso, os regionais da CPT também levaram alimentos típicos de suas regiões para o Congresso.

Foto: Joka Madruga



Ensaio 'Alimentando a luta' – por Joka Madruga

“Dai pão a quem tem fome. E fome de justiça a quem tem pão”. O IV Congresso Nacional da Comissão Pastoral da Terra foi um tempo de reflexão. Tempo de reunir a família para avaliar, discutir e construir coletivamente avanços para a continuidade da luta em busca do sonho comum. Mas, como fazer uma reunião de família de barriga vazia? É simples. Não se faz.

Dessa forma, é necessário reconhecer o trabalho voluntário de dezenas de mulheres e homens que viajaram milhares de quilômetros para garantir as refeições diárias de inúmeras pessoas que participam do nosso Congresso. Além dos temperos variados, vindos de todos os cantos do Brasil, as cozinhas regionais carregam a diversidade dos sonhos, anseios e histórias das vidas que, de alguma forma, convergiram e se encontraram em Porto Velho.”

Joka Madruga, repórter fotográfico do site Terra Sem Males – um dos colaboradores da Equipe de Comunicação João Zinclar, produziu um belo ensaio fotográfico homenageando as trabalhadoras das cozinhas.

IV CONGRESSO - CELEBRAÇÕES

“Somos o fruto da semente que os mártires plantaram”

EQUIPE DE COMUNICAÇÃO
JOÃO ZINCLAR – IV CONGRESSO
NACIONAL DA CPT

O IV Congresso da CPT foi recheado com belas, significativas e comoventes celebrações que serviram para encher a alma e aquecer os corações.

Começou com a celebração que acolheu os quase mil participantes vindos de todos os recantos do Brasil. Uma poronga gigante de quase três metros de altura foi introduzida no Ginásio de Esportes onde se realizaram os grandes momentos coletivos. Esta poronga - uma espécie de lamparina, feita de metal, encaixada na cabeça dos seringueiros para iluminar os caminhos da seringa quando saíam de madrugada para seu trabalho diário - foi acesa e esteve em lugar de destaque iluminando os caminhos do congresso.

A Bíblia, acomodada em uma pequena canoa, entrou solenemente no espaço da celebração acompanhada por dançarinos e dançarinas idosos, pois a Amazônia se caracteriza por ser cortada por grandes rios que ainda são o único caminho para se chegar a diversas comunidades da região. E se proclamou Apocalipse 22, 1-5, texto repleto de vida, de alegria, da terra, da água, dos frutos abundantes.

E para concluir foram servidos, em cuias feitas das cascas do Cupuaçu, produzidas no Acre, o açaí e a farinha, alimentos típicos das comunidades da Amazônia, abençoados com um belo texto de Dom Pedro Casaldáliga.

Com esse gesto de partilha e co-

munhão foi dado início à programação do Congresso.

Oração de cada dia

Cada novo dia começava com uma celebração, preparada por uma das grandes regiões em que se organiza a CPT. Eram momentos de profunda espiritualidade que colocavam a todos em sintonia com os temas sobre os quais se debruçava o congresso.

Celebração dos Mártires

O ponto alto das celebrações foi a da memória de homens e mulheres que tombaram na luta em defesa dos povos da terra, a celebração dos mártires. A Amazônia brasileira, o cair da noite e as margens do Rio Madeira formaram o cenário desta celebração, na quinta-feira, 16 de julho. Ela se realizou, em frente à Igreja, na Vila Santo Antônio, próximo a Porto Velho, por onde passava a desativada Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. De lá se avistava a Usina Hidrelétrica de Santo Antônio. Um espaço onde os conflitos do início do século XX e os do presente se confundem. Lugar onde indígenas e trabalhadores tiveram e têm seus direitos violados, onde muitos foram mortos. “É uma terra marcada pelo sangue dos indígenas, dos negros, marcada por muita luta, mas também de esperança”, ressaltou Irmã Maria Teixeira, da CPT da Diocese de Goiás.

O pátio da Capela, às margens do Rio Madeira, estava iluminado com porongas. Em cirandas, os participantes proclamaram nomes dos mártires que tombaram na luta. A cada nome era erguido o



Foto: Joka Madruga

estandarte com sua imagem e se cantava “mataram mais um irmão, mas ele ressuscitará”.

“Evocar os mártires da terra é evocar a ancestralidade da luta. Traz pra gente a força para continuar e seguir lutando pelos que virão. Nós somos o fruto da semente que esses mártires plantaram”, afirmou Vanúbia Oliveira, da CPT em Campina Grande,

“Os mártires viveram a radicalidade de Jesus”, resalta Ruben Siqueira, da coordenação executiva nacional da CPT. “Para nós, a memória desses mártires é a reatualização da memória de Jesus, que se doou totalmente até o martírio pela vida dos outros. O sangue derramado na luta pela terra é sempre lembrado por nós, para que ele nos fortaleça”, complementou.

Celebração de Encerramento

Na celebração de encerramento uma grande mandala tinha ao centro a canoa com a Bíblia cercada das mais variadas sementes cultivadas pelos camponeses e camponesas. E como numa grande coroa os ouriços das castanhas do Pará transformados por mãos habilidosas em velas. Estas velas, acesas na grande poronga, foram distribuídas entre todos para que a luz do Congresso ilumine os caminhos das comunidades camponesas e a CPT em todos os recantos do Brasil.

Uma grande bênção e um ritual de envio concluiu a celebração. As sementes crioulas foram recolhidas para serem plantadas nas comunidades.

A CPT não é caneca nem água: é a vontade de beber

A pastora metodista e membro da CPT Bahia, Nancy Cardoso, num belo texto escrito logo após o congresso enfatizou que “ficou muito claro e evidente nas falas e testemunhos dos/das trabalhadores/as que a CPT esteve presente, não arredou o pé e não quis ser o que não é: movimento!”

Alguns destaques da festa:

“A CPT é Comissão Pastoral e – bem ou mal – se manteve neste lugar de presença e convivência com os trabalhadores/as e seus movimentos e organizações.

Alguém disse: a CPT não dá linha... a CPT alinhava.

Junta isso com aquilo, permanece. Fica na hora boa ou na ruim, permanece... e é esse tempo de permanência que caracteriza o trabalho pastoral.

A rebeldia é a permanência da memória.

A esperança é a permanência da rebeldia.

A CPT é do exercício e da mística de permanecer: mas nem é ela mesma a rebeldia nem a esperança.

Estes limites do trabalho pastoral são o que temos de autêntico e honesto para oferecer e a mística de amadurecer amores radicais de se entregar pelo amor do mundo, um rio, uma floresta, a terra e seus seres. A CPT não é a caneca... nem a água é só a sede, a vontade de beber. Mas a caneca de muitos usos e a fonte que mata a sede é o povo quem traz.

A CPT não é semente, nem terra, mas é terra debaixo da unha: marca do exercício de semear e esperar pelos frutos no quintal”.

Foto: Joka Madruga



IV CONGRESSO

Os que tombaram na luta foram lembrados

O estado de Rondônia, terra que acolheu o IV Congresso Nacional da CPT, foi também cenário de um dos piores conflitos no campo de que se tem registro na história do Brasil: o Massacre de Corumbiara, que completou 20 anos no dia 9 de agosto. Além disso, no dia 24 de julho completaram-se 30 anos do martírio de Padre Ezequiel Ramin.

EQUIPE DE COMUNICAÇÃO JOÃO ZINCLAR – IV CONGRESSO NACIONAL DA CPT

Esses e outros lutadores e lutadoras que foram mortos em conflitos no campo foram lembrados durante o Congresso. Em uma rampa que dava acesso à Plenária do Congresso, foram instaladas 30 placas com nomes de pessoas mortas no campo ao longo das três décadas em que a CPT divulga seu relatório anual de Conflitos no Campo. Ao lado dessa rampa, ergueu-se a Tenda dos Mártires, espaço dedicado a homenagear os que tombaram na luta pela terra.

Antônio Ramin, irmão do Pe. Ezequiel e Genadir Ribeiro, conhecido como Dirinho, presidente do Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Corumbiara estavam presentes na abertura do Congresso.

30 anos do martírio do Pe. Ezequiel

Antônio chegou da Itália dois dias antes do início do Congresso. Ao longo do mês de julho, participou das celebrações que lembraram o martírio de Ezequiel. Também visitou ações apoiadas pelo Projeto Padre Ezequiel.

Pe. Ezequiel, missionário comboniano italiano, foi assassinado, aos 32 anos, por defender os sem terra, posseiros e indígenas da região. Tinha apenas cinco anos de sacerdócio e trabalhava em Cacoal, diocese de Ji-Paraná, que também atendia uma parte de Mato Grosso.

Foi assassinado no conflito da fazenda Catuva, entre Rondônia e Mato Grosso, com sede em Rondolândia, MT. A fazenda mantinha pistoleiros armados, que, constantemente, ameaçavam o povo. O padre procurava intervir e denunciar as injustiças. E ao ir à fazenda alertar os posseiros sobre o perigo que corriam foi assassinado. “A herança de sua morte, de seu sangue, significa que ele tinha uma aliança com o povo”, afirma Antônio.

Ao longo de uma conversa de 30 minutos, Antônio falou sobre a origem camponesa de sua família na Itália, a vida de Ezequiel junto aos povos do campo no Brasil. “Ele gostava muito de estar aqui

[em Rondônia]”, diz Ramin. Histórias sobre as comunidades que Padre Ezequiel conhecia eram narradas em suas cartas à família. “A sensibilidade que Ezequiel carregava no coração era naturalmente camponesa”, resalta Antônio. “A memória de Ezequiel é muito sentida no povo”, afirma.

Pelo menos a cada cinco anos, Antônio desembarca em Rondônia, para visitar comunidades e ações apoiadas pelo Projeto criado em homenagem ao irmão. Dessa vez, trouxe consigo vários amigos de seu país para as celebrações dos 30 anos do martírio de Ezequiel.

Após celebração em Cacoal, foi celebrada missa em Rondolândia, onde foi morto. Ali foi inaugurada capela construída em sua homenagem. Durante as celebrações, foi lançado o pedido de abertura do processo diocesano de beatificação do Padre Ezequiel.



Foto: Douglas Mansur



Foto: Joka Madruga

20 anos do Massacre de Corumbiara

Conhecido internacionalmente, o episódio que encharcou com sangue dos trabalhadores as terras do município localizado ao sul de Rondônia completou 20 anos no dia 9 de agosto. Relembrado pelos participantes do IV Congresso da CPT, o massacre deixou marcas na história dos povos do campo. Genadir Ribeiro, o Dirinho, presidente do sindicato rural da região, falou sobre as duas décadas após o ocorrido.

“O massacre de Corumbiara pra nós foi um dos episódios mais tristes”, conta Dirinho. Ele teve dois irmãos que sobreviveram ao massacre e outro, vereador na época, que foi assassinado quatro meses após o episódio, por “dar apoio aos trabalhadores rurais sem terra”.

Foram cerca de 600 famílias que ocuparam, em julho de 1995, uma pequena parte das terras da fazenda Santa Elina, em Corumbiara. Os trabalhadores reivindicavam a desapropriação da fazenda com cerca de 18 mil hectares e cujo proprietário era acusado de grila-

gem das terras. Nos dias que antecederam o massacre, uma tentativa de reintegração de posse ocorreu sem sucesso. A decisão das famílias foi pela resistência.

A chacina ocorreu no dia 9 de agosto de 1995. Seu Dirinho lembra o relato de um de seus irmãos: “invadiram o acampamento de madrugada. Meu irmão conta que teve um momento que a polícia pediu pra eles se deitarem no chão e saíram andando por cima dos trabalhadores. Ele sente dores até hoje. Aconteceram coisas inimagináveis com os trabalhadores rurais que foram torturados e assassinados”, contou.

No massacre, dois policiais militares e nove trabalhadores foram mortos. O número, contudo, é contestado até os dias de hoje. “O número de trabalhadores mortos é bem maior”, afirma Dirinho. “Muitos sem terra morreram depois, por conta dos ferimentos”. Josep Iborra, conhecido como Zezinho, agente da CPT em Rondônia resalta que na época nada foi feito pelos órgãos governamentais para evitar o conflito anunciado. Dirinho concorda. “Naquele tempo, não houve ne-

nhum interesse por parte do estado em intervir. Tanto o prefeito, quanto o governador, Valdir Raupp [atual senador pelo PMDB], poderiam ter feito alguma coisa. Acredito que dava pra evitar o massacre”.

Após o massacre, ocorrido no governo de Fernando Henrique Cardoso (PSDB), houve o processo de legalização das terras para o fazendeiro e, mais recentemente, “foi desapropriada para fins de Reforma Agrária e o proprietário foi indenizado em cerca de 54 milhões de reais”, comenta Zezinho.

As famílias das vítimas do massacre permanecem esquecidas pelo Estado até os dias de hoje. Dirinho denuncia que nenhuma delas foi indenizada. O clima de tensão e medo na área também é um desafio a ser enfrentando. A memória do Massacre se faz presente no cotidiano de Corumbiara e impede que muitas famílias sigam na luta contra o latifúndio e a grilagem de terras na região. “Hoje, o sentimento na região é ainda de muito medo e tristeza”, reconhece Dirinho.



No Dia Mundial contra a Mineração, 22 de julho, na comunidade de Junín, no vale do Rio Intag, Equador, se realizou um festival comunitário para demonstrar que existem ‘Alternativas Vivas’, como a do ecoturismo e do cultivo de café e a construção de pequenas centrais hidrelétricas, em

Paraguai

Juiz declara que a imprensa tem pressa em julgamento de sem terra

No dia 27 de julho foi suspenso o julgamento de 11 camponeses sem-terra paraguaios, pelo massacre de Curuguaty. No tribunal, os acusados demitiram os advogados de defesa, alegando terem “perdido a confiança” neles. O juiz, porém, negou aos advogados que assumiam o caso o direito a um estudo aprofundado das mais de 7.200 páginas do processo e marcou o julgamento para o dia 3 de agosto, alegando que os meios de comunicação têm “pressa”.

Segundo o juiz brasileiro Jonatas Andrade, da Associação dos Juizes pela Democracia, um dos observadores internacionais do caso: “Nunca vi um juiz assumir desta forma que sua decisão é para atender a imprensa, isso é estupendo. No Brasil até ocorre, mas não se diz”.

Os 13 camponeses foram colocados no banco dos réus para responder pelas mortes de seis policiais ocorridas em 15 de junho de 2012, em uma área de assentamento conhecida como Marina Kue. Forças de segurança com 350 policiais, helicópteros e cavalaria invadiram o assentamento, para que 60 sem-terra desocupassem a área. A operação terminou com 17 mortos – 11 camponeses e 6 policiais e resultou no processo de impeachment do presidente Fernando Lugo que foi afastado do governo.

Os assassinatos dos camponeses nunca foram investigados e ninguém foi processado. Já os camponeses respondem por associação criminosa, tentativa de homicídio e pela morte dos seis policiais.

Equador

Camponeses equatorianos em luta contra a mineração

contraposição aos projetos de mineração. No dizer de uma das lideranças “a mineração supõe a destruição das alternativas possíveis. A terra vale mais do que o ouro e o cobre. Não trocamos nossa água por nenhum minério”.

As comunidades do Intag se tornaram conhecidas porque ali se desenvolveu a primeira e mais consistente resistência popular contra projetos de mineração. Em 1997, expulsaram

a empresa japonesa Bishimetals que explorava o território desde 1990. Em 2006, conseguiu expulsar a empresa canadense Ascendant Copper, autorizada em 2004. A empresa, mesmo recorrendo a forças paramilitares, não conseguiu dobrar o povo.

Atualmente, a luta é contra um projeto do governo Rafael Correa que criou o Projeto Llorimagua junto com a empresa chilena CODELCO e

a equatoriana ENAMI. A luta está difícil porque o governo, conhecendo a resistência de Intag, adotou novas estratégias, como a prisão de lideranças e prometeu construir escolas, centros de saúde e redes de água potável e eletricidade. Com isso conseguiu dividir as comunidades. Divisão que provoca danos não imaginados. O festival comunitário foi uma nova estratégia de luta das comunidades.

Bolívia

“Vocês são semeadores de esperança” Papa se reúne com os movimentos populares

De a 7 a 9 de julho, em Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia, aconteceu o II Encontro Mundial dos Movimentos Populares com o Papa. Cerca de 1.500 pessoas de 40 países participaram, sendo 250 do Brasil. Da CPT foram Pe. Severino, de São Paulo, e Irmã Tânia, da Paraíba.

O ponto alto do evento foi a fala do Papa Francisco. Uma fala clara e firme, um apelo à mudança.

Alguns tópicos do seu discurso:

- **Terra, teto e trabalho** para todos os nossos irmãos e irmãs são direitos sagrados. Vale a pena lutar por eles.
- Se reconhecemos que as coisas não andam bem num mundo onde há tantos camponeses sem terra, tantas famílias sem teto, tantos trabalhadores sem direitos, tantas pessoas feridas na sua dignidade; quando explodem tantas guerras sem sentido e a violência fratricida se apodera até dos nossos bairros; quando o solo, a água, o ar e todos os seres da criação estão sob ameaça constante, **digamos sem medo: Precisamos e queremos uma mudança.**
- Se reconhecemos que o sistema que impôs a lógica do lucro a todo o custo, sem pensar na exclusão social, nem na destruição da natureza, digamos sem medo: **Queremos uma mudança, uma mudança real, uma mudança de estruturas.**
- Este sistema é insuportável: não o suportam os camponeses, não o suportam os trabalhadores, não o suportam as comunidades, não o suportam os povos.... E nem sequer o suporta a Terra, a irmã Mãe Terra, como dizia São Francisco.
- **A globalização da esperança, que nasce dos povos e cresce entre os pobres, deve substituir esta globalização da exclusão e da indiferença.**



Foto: TeleSur

- **Atrevo-me a dizer que o futuro da humanidade está, em grande medida, nas mãos de vocês, na sua capacidade de se organizar e promover alternativas criativas na busca diária dos “3 T” (trabalho, teto, terra). Não se acanhem! Vocês são semeadores de mudança.**

O papa propôs aos movimentos três tarefas:

Primeira: pôr a economia a serviço dos povos.

- Os seres humanos e a natureza não devem estar ao serviço do dinheiro. Digamos NÃO a uma economia de exclusão e desigualdade, onde o dinheiro reina em vez de servir. Esta economia mata. Esta economia exclui. Esta economia destrói a Mãe Terra.
- A justa distribuição dos frutos da terra e do trabalho humano não é mera filantropia. É dever moral. Para os cristãos é um mandamento. Trata-se de devolver aos pobres e às pessoas o que lhes pertence.
- Os planos de assistência deveriam

ser pensados apenas como respostas transitórias. Nunca poderão substituir a verdadeira inclusão: a inclusão que dá o trabalho digno, livre, criativo, participativo e solidário.

Segunda: unir os nossos povos no caminho da paz e da justiça.

- Digamos NÃO às velhas e novas formas de colonialismo. Digamos SIM ao encontro entre povos e culturas.
- A nossa fé é revolucionária, porque a nossa fé desafia a tirania do ídolo dinheiro.

A terceira: talvez a mais importante, é defender a Mãe Terra.

- A casa comum de todos nós está sendo saqueada, devastada, vexada impunemente. A covardia em defendê-la é um pecado grave.
- O futuro da humanidade está fundamentalmente nas mãos dos povos; na sua capacidade de se organizarem e também nas mãos que regem, com humildade e convicção, este processo de mudança.

PÁGINA BÍBLICA

Judite

Javé visitará seu povo por minha mão

Vemos acompanhando nas últimas edições do Pastoral da Terra como o Templo passou a controlar toda a vida do povo, inclusive a própria Palavra de Deus. e como sobre os ombros do povo foram colocados fardos de leis, normas e sacrifícios. A carga mais pesada recaia sobre a mulher. Ela, porém, se tornou a protagonista da resistência. Foi ela que resgatou a memória do verdadeiro Deus. Cinco mulheres, Ester, Rute, Judite, Susana e a Sulamita, se tornaram símbolo da resistência ao templo que parte da casa da mulher

SANDRO GALLAZZI*

Nesta edição vamos nos aproximar da história de Judite que não está na Bíblia hebraica (seguida pelos evangélicos), mas na Bíblia grega (seguida pelos católicos).

Judite é viúva e não tem filhos. Nada podia ser pior do que isso para uma mulher judia. É estranha: a chamam de Judite, que quer dizer a judia, mas sua casa fica em Betúlia, que fica na Samaria. É samaritana!

Vejamos como foi essa história. Holofernes sitia a cidade de Betúlia (o nome é simbólico, significa a menina, a moça) O cerco da cidade dura trinta e quatro dias. O povo, que pensa como o templo, segundo a teologia da retribuição, diz: *Isto acontece porque nós pecamos. Vamos nos entregar. Antes escravos, que mortos!* Os dirigentes, na mesma linha, dão cinco dias a Deus para que tenha compaixão do povo e mande a chuva que acalme sua sede (é bom lembrar que Baal era o Deus da chuva). Há uma conta que é necessário fazer: $34 + 5 = 39$. O dia seguinte é o dia 40, dia da vida, da terra prometida, mas o povo espera por castigo, os chefes por milagres.

Ao tomar conhecimento disto, Judite convoca os chefes em sua casa e critica sua atuação que devia ter sido a de estimular o povo a assumir a responsabilidade pela defesa de tudo e de todos. Os chefes não a entendem e, obstinados na teologia da retribuição, lhe pedem que reze. Talvez uma mulher tão

piedosa consiga a graça e o milagre da chuva.

A teologia de Judite desponta em seu grito: “Eu vou fazer alguma coisa. Todas as gerações vão lembrar disto. Javé visitará seu povo por minha mão.” A mão de Deus e a mão da mulher juntas, assim como Deus e Moisés, “Eu desci, vai”. Judite não esqueceu a mais antiga lição da memória do povo.

E a oração de Judite não foi por chuva, mas para que Deus lhe ponha força em sua mão para quebrar a arrogância do opressor. Ela pede porque sabe que Deus não voltou ao céu, mas continua na terra, no conflito, tomando partido. “Tu és o Deus dos humilhados, ajuda dos pequenos, força dos fracos, defensor dos desanimados, salvador dos desaperados”.

Essa é a melhor definição de Deus, a mais linda que eu encontrei na Bíblia. Esse mesmo Deus é o que põe fim às guerras, pondo abaixo, esmagando e descarregando sua ira sobre os violentos, os exércitos, os opressores.

É importante notar que a história de Judite não termina com a morte de Holofernes. Para libertar o povo, não basta cortar a cabeça de Holofernes, é necessário que o Sumo Sacerdote venha de Jerusalém até a casa de Judite.

O Sumo Sacerdote deixa Jerusalém. Estes movimentos são muito simbólicos e têm outro ponto de referência, que é a casa da mulher. E, quando o Sumo Sacerdote chega à casa de Judite, só diz uma coisa e depois se calará para



sempre: “Tu es a glória de Jerusalém, tu és o orgulho de Israel, tu és a honra de nosso povo. O que fizeste com tua mão foi o bem. Bendita está tu, junto com Deus para sempre”. E o Sumo Sacerdote se cala para sempre. Desaparece.

A partir deste momento Judite vai juntar todas as moças, lhes pede que se arrumem e enfeitem, lhes entrega ramos e elas integram a procissão rumo a Jerusalém. O povo vai retomar o controle do templo e quem está à frente da procissão é Judite, depois todas as moças cantando e dançando e só depois os soldados. Isto é muito simbólico.

E é nesta procissão que Judite devolve ao povo o direito de chamar a Deus com o eterno nome de Javé. A mão da mulher conseguiu isso. A mão da mãe, não por ser reprodutora, mas por que está pronta para dar a vida. Judite não tem filhos, mais lutou, por “meus jovens, meus pequeninos, meus

meninos, minhas donzelas ... meus humilhados, meus fracos”. Os que são de Deus são de Judite.

Por isso proclama, livre de tudo. “De nada vale a gordura dos holocaustos!” E se diz que ao chegar, Judite ficou três meses dentro do templo com todas as meninas. Nestes três meses houve muita menstruação e ficaram ali. Ainda mais, a oferenda simbólica de Judite ao templo é um pano ensanguentado, o que utilizou para envolver a cabeça de holofernes.

E então o livro pode terminar e cada um voltar à sua propriedade. Judite liberta sua escrava e repartiu seus bens.

A libertação dos escravos, a partilha dos bens e a posse da terra são características do ano santo, o ano da graça do Senhor, o jubileu. Quem permite a realização do sonho do pobre, ter terra, ter liberdade e ter abundância, é Judite.

IV CONGRESSO - EXPERIÊNCIAS

A Casa de Farinha do IV Congresso

EQUIPE DE COMUNICAÇÃO
JOÃO ZINCLAR – IV
CONGRESSO NACIONAL
DA CPT

Dona Josefa da Silva estava cercada de gente curiosa. Muitas perguntas lhe eram feitas. O sorriso largo não saía de seu rosto. Ela estava torrando farinha d'água, produção tradicional em Rondônia, por isso o alvoroço ao seu redor. Uma Casa de Farinha foi construída pela equipe de infraestrutura, nas dependências UNIR, especialmente para o Congresso da CPT. E a dona Josefa foi a primeira a estrear o espaço.

Josefa mora no Assentamento Joana d'Arc, no município de Cruzeiro do Sul, no Acre. Foi para o Congresso com a delegação de seu estado. Na terrinha dela tem mandioca brava, que é usada para



Foto: Douglas Mansur

fazer esse tipo de farinha. Perguntada se tem tempo que ela mexe com isso, a resposta vem logo. “Faz muitos anos. Desde quando eu me entendo por gente”.

A farinha era torrada bem na hora do almoço. Muita gen-

te estava ao redor do tacho, onde o produto era preparado. Todos queriam experimentar. Simpática, dona Josefa explicava a todos o tempo de preparo. “Duas horas com o fogo baixo. Não pode colocar muita lenha senão queima”.

A assentada explicava, enquanto mexia o grande tacho, que a mandioca usada ali é conhecida como “amarelinha”. Alguém pergunta: “Tem para vender?”. Ela logo responde: “A gente tem muita roça, mas agora não tem para vender”.

Ao longo da conversa, a trabalhadora contou que após a mandioca ser arrancada da terra, ela fica três dias de molho em uma vasilha com água. Após isso, vai para um saco para ser prensada. Depois, essa massa é peneirada algumas vezes, até que os caroços maiores sejam retirados. Por fim, é torrar, processo que Josefa faz há anos e que foi mostrar aos participantes do Congresso. Depois que ficou pronta, a farinha que Josefa e as colegas torram foi destinada às cozinhas do Congresso.

Foto: Joka Madruga



“O povo se adaptou muito ao açúcar branco, cheio de química”

No dia seguinte, após a produção da farinha, Anselmo Oliveira Duarte foi quem assumiu a Casa de Farinha, onde preparou açúcar mascavo. Ele é assentado no município de Nova Brasilândia, em Rondônia, e militante do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA). Enquanto apurava o açúcar, ele explicou que em sua terra sempre tenta manter a produção do alimento e também ensinar outras pessoas.

“O povo se adaptou muito ao açúcar branco, cheio de química. Aí esses produtos como o açúcar mascavo ninguém conhece”, destaca Anselmo. “Nós, do MPA, defendemos isso como Soberania Alimentar. O povo produz em casa. Não precisa ir ao supermercado comprar o produto industrializado”, acrescenta.

Enquanto mexia o tacho, Anselmo explicou o processo de produção do açúcar. Segundo ele, após cortar a cana, ela precisa ser moída em menos de 36 horas. “O ideal é cortar e moer, senão ela azeda e aí não presta para fazer o açúcar mascavo”, afirma. Ele continua a explicar que apenas a parte central da cana que é usada na produção do açúcar mascavo. “Se colocar broto novo ou outra parte da cana não dá o ponto. Não vira açúcar”, ensina.

O pequeno agricultor conta que produziu uma apostila que contém a receita desse produto, material que ele faz questão de distribuir aos interessados. “O povo já perdeu a cultura dessa alimentação saudável. É uma luta constante de mudança de cultura alimentar. É um trabalho contínuo de reaprendizado alimentar”.

IV CONGRESSO

Cultura

A Natureza em Prosa

O reflexo na Natureza;
Mais e mais aparecendo;
É peixe sem rio para seu giro;
Nascentes em seu último suspiro;
O Sol como que descendo.

O que aconteceu com a natureza?
Muita gente assim indaga;
Em nome da Evolução;
Uma vasta destruição;
A Humanidade é que paga.

A Natureza se revolta;
Em catástrofe se manifesta;
Tipo estou cansada de sofrer;
Estou prestes a morrer;
Mudem o rumo desta festa.

Por Valdivino Tomaz de Aquino – MT

CPT 40 Anos

Amigos, peça licença
Pra narrar na poesia
A vida da CPT
Vivida no dia-a-dia
Assembléias e Congressos
feitos com muito sucesso
Com muito amor e alegria

E por isto que é canto
O mundo só vai mudar
Se revermos a MEMÓRIA
Analisando as derrotas
E também nossas vitórias
Analisando o passado
É aí que temos achado
Como continuar a história

Nossa história é presente
Com coragem e valentia
Despachamos os medrosos
E também a covardia
O trabalhador é teimoso
Ele é manhoso
Isso se chama REBELDIA

O Capital nos massacra
Com toda sua ganância
Vê os trabalhadores
Tratando-os como crianças

Mas todos temos em mente
De quebrar estas correntes
Esta é a nossa ESPERANÇA

Sebastião Arnaldo
Meu nome de cidadão
Me desculpe pelos erros
Que aqui encontrarão
Sou Negro e luto com o povo
Pra criar um mundo novo
Pra ajudar nosso irmão

Minha escola foi a vida
A caneta o enxadão
O que falei 'tá escrito
Em tudo eu acredito
Me chamam de Tião Preto,
Poeta da Multidão.

Por Tião Preto do Mato Grosso do Sul

CPT 40 anos e um longo poema
de 16 estrofes
Reproduzidos
apenas seis
deles

Foto: Joka Madruga

Assine ou renove sua assinatura

Nome: _____
Endereço: _____
Exemplares: _____

Assinatura anual:

- Brasil R\$ 10,00
 Para o exterior US\$ 20,00

Pagamento pode ser feito através de depósito no Banco do Brasil, Comissão Pastoral da Terra, conta corrente 116.855-X, agência 1610-1. Informações: canuto@cptnacional.org.br

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA

Secretaria Nacional: Rua 19, nº 35, Ed. Dom Abel, 1º Andar, Centro.
CEP 74.030-090 – Goiânia, Goiás

CORREIOS
Mala Direta
Postal Básica

9912277124-DR/GO
COM. PAST. DA TERRA

IMPRESSO

VIA AÉREA